

ROQUE, Tatiana

*História da Matemática – Uma visão crítica,  
desfazendo mitos e lendas*

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012

ANTONIO AUGUSTO PASSOS VIDEIRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro | UERJ

158

Permitam-me iniciar esta resenha com uma advertência. Para que se pudesse fazer justiça aos propósitos da sua autora e aos méritos da sua obra, este livro deveria ser objeto de uma discussão pública, realizada por profissionais das áreas de ensino de matemática, história da matemática e matemática. Profissionais de áreas afins à matemática também deveriam ser convidados a participar desse debate, uma vez que o desenvolvimento da matemática emaranha-se com os de outras ciências como física, astronomia, etc. Por exemplo, o que seria da física moderna, aquela que vem desde Galileu até os nossos dias, se não fossem as criações e inovações ocorridas no domínio da matemática? Ela simplesmente não existiria.

Mas, por que faço esta proposta antes mesmo de tratar do seu conteúdo e da sua metodologia? Simplesmente porque se trata de uma obra, que, pelo seu conteúdo e pela sua metodologia, é profundamente inovadora, e não apenas para o contexto brasileiro. O equilíbrio alcançado entre diferentes domínios (matemática, história da ciência e epistemologia) é admirável. Passemos aos “fatos”, que justificam – espero eu – a minha opinião altamente favorável à obra de Tatiana Roque, professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O livro *História da Matemática – Uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas* está dividido em sete capítulos, contando também com um anexo que serve de análise bibliográfica de alguns dos mais conhecidos textos em história da matemática. O prefácio é de autoria do eminente historiador desta ciência, o alemão Gert Schübring, que atualmente colabora com o Programa de Pós-Graduação em Ensino e História da Matemática da UFRJ. O período histórico coberto pelo livro é amplo, vindo desde a Mesopotâmia até o século XIX. Se por um lado é compreensível que o século passado tenha sido deixado de lado, devido ao gigantesco crescimento sofrido então pela matemática, por outro, é de se lamentar tal escolha, uma vez que o cenário brasileiro, como de outras regiões do mundo, onde hoje se faz matemática do mais alto nível, tenha sido deixado para – espero eu, mais uma vez – outra oportunidade.

Desde o início do livro, e fazendo jus ao seu subtítulo, a professora Tatiana Roque procura mostrar que a perspectiva histórica e epistemológica adotada por um número significativo de livros é equivocada. Formulada em termos

simples e diretos, a perspectiva da nossa autora funda-se na tese de que fazer matemática não é apenas para gênios ou pessoas com talento especial para a matemática. Esta não é uma ciência feita em separado do mundo. Em outros termos, Tatiana Roque, e tal como é afirmado logo no começo da apresentação, afasta-se de uma perspectiva anacrônica, segundo a qual o passado somente pode ser compreendido à luz do presente. Ao condenar o anacronismo, ainda hoje presente em muitas obras de história da ciência, Tatiana Roque defende que esta disciplina merece um tratamento capaz de exibir todas as suas riquezas e sutilezas. Em outras palavras, o amadorismo pode dar origem a uma série de incompreensões e equívocos, nocivos não apenas para matemáticos e historiadores, mas também para todos aqueles que, por diferentes motivos, têm que aprender matemática.

Coerente com a postura crítica que o caracteriza, todos os capítulos possuem uma introdução, na qual somos apresentados ao relato tradicional a respeito do período que será analisado em seguida. Esta introdução, ou o relato tradicional, serve para que os leitores possam saber o que há de mais problemático, e talvez errado, nas muitas obras de história da matemática e mesmo nos livros didáticos. Trata-se, em minha opinião, de uma atitude corajosa assumida pela nossa autora. Não apenas porque ela critica abertamente aquilo que considera ser errado, mas também por que instiga o(a) leitor(a) a rever o seu próprio conhecimento e, o que ainda mais importante, os seus próprios preconceitos.

Da Mesopotâmia, abordada no primeiro capítulo, somos convidados a revisitar a chamada matemática grega. Em particular, somos levados a rever a geometria “euclidiana”, considerada durante largo tempo paradigma da boa matemática e mesmo da racionalidade. Aqui, e como em todo o livro, os conceitos matemáticos são explicados de forma precisa e clara. Assim, os leitores aprendem não apenas história da matemática, mas também matemática. Essa dupla utilidade é explicitamente defendida por Tatiana Roque. Considero esta qualidade uma das mais importantes do seu livro.

Finalizada a exposição da matemática “clássica”, passamos à Idade Média e ao Renascimento. Mais uma vez, somos confrontados com descrições precisas e ricas de ensinamentos. São tantas as informações que mereceriam ser comentadas que, por falta de espaço, o melhor, porque mais prudente, é evitar simplificações e generalizações. Os três capítulos seguintes discutem a matemática produzida desde a chamada Revolução Científica Moderna até o século XIX, período durante o qual a matemática foi como que controlada por pessoas que habitavam o espaço geográfico-cultural conhecido como Europa. Mais uma vez, peço desculpas por não comentar em detalhes o conteúdo deste livro. Reconheço que teria enormes dificuldades em ser, ao mesmo tempo, sintético e inteligível.

À guisa de conclusão, quero reafirmar que o livro ora em tela é uma obra que merece ser lida por toda pessoa que nutre algum tipo de interesse por aquela que ainda hoje é considerada como a rainha das ciências. Trata-se, certamente, de uma leitura utilíssima e agradabilíssima. Que ele possa servir de inspiração a outros historiadores da ciência.